Capítulo XX — Continuação do precedente

> **Sumário.** A França desarmada. — Esquecimento de seus Protetores. — Belas palavras de Barônio. — Devoção de nossos antepassados a são Dionísio.

2º O denegrimento sistemático de nossas tradições desarma a França. — Uma nação não é guardada somente pelas armas de seus soldados: temos a prova. É-o sobretudo pelos santos protetores que Deus lhe deu. Lê-se no martirológio das Gálias estas palavras, que nunca se meditariam demais:

> *Os santos primeiros apóstolos dos Francos não somente os sustentaram, estando na terra, por suas orações, seus sacrifícios e outros atos, penhores de sua afeição, a fim de que se firmassem na fé; mas ainda, depois que saíram deste mundo para ir a Deus, interessaram-se poderosamente em afastar os principais perigos e infortúnios do Reino, mostrando-se visivelmente protetores desse Estado, que haviam regado com seus suores e seu sangue.*

> *Mas, para gozar desses favores, é preciso seguir a máxima dada pelo autor dos atos de são Saturnino: "Não negligenciemos os amigos de Deus e seus bem-amados, como se estivessem mortos, mas honremo-los como vivos. É de fé indubitável que, se pedirmos fielmente os seus sufrágios, experimentaremos felizmente a sua proteção. A felicidade do reino da França nasceu e cresceu pelo culto dos santos do país. Quando esse culto esfriou, a glória dos lírios diminuiu."* [1]

Barônio reconhece altamente que, desde a sua conversão, os Francos se ilustraram por façanhas incríveis e acima das forças humanas, por causa de sua piedade para com Deus e de sua veneração pelos santos, cujas relíquias procuravam com extrema avidez. O padre Chifflet lhes dá este elogio:

>

> *Os cavaleiros franceses, depois de tantos trabalhos realizados para a conquista da Terra Santa, não trouxeram outra coisa dos despojos do Oriente senão relíquias de santos, que estimavam mais que todos os tesouros da Índia.*[2]

Depois de referir o testamento do velho rei Roberto e as instantes recomendações que faz a seu filho de honrar os santos, o mesmo Barônio acrescenta:

> *Vês, leitor, para tomar emprestadas as palavras de Jó, sobre que bases sólidas está estabelecido o reino dos Francos. Essas bases são os santos, de modo que se pode com razão dizer desse reino: ‹Os fundamentos d'ella estão sobre os montes santos› (Sl 86, 1). Pode-se também aplicar-lhe o que diz o Evangelho: que resistiu até aqui às violências das tempestades, dos ventos e dos rios, porque está fundado sobre a pedra, e que durará sempre, enquanto seus fundamentos permanecerem imutáveis. Mas cairá certamente se, o que a Deus não apraza, a impiedade vier a arrancá-lo de seus fundamentos.*[3]

Daí vem que nossos antigos reis, gloriosos fundadores do mais belo reino depois do do Céu, se mostraram sempre tão religiosamente fiéis ao culto dos santos protetores da França. Estavam tão longe de querer, como os críticos modernos, bani-los de seu reino que eles mesmos não ousavam sair dele sem a sua permissão, ainda que premidos por grandes necessidades.

Eis o que escreve o historiador João Villani:

> *Quando Carlos Magno devia sair do reino, tinha por costume pedir a são Dionísio a permissão e recomendar-lhe o reino. Tal era a sua fórmula: "Meu senhor são Dionísio, peço-vos licença para ausentar-me e confio-vos a França, a fim de que, segundo Deus, dela tomeis cuidado e a protejais."*

> *Esse costume foi, durante longos séculos, religiosíssimamente observado pelos reis seus sucessores.*

Quando, devendo ausentar-se do reino, iam tomar a auriflama em Saint-Denis.[4]

> *Daí o nome dado a são Dionísio desde a origem da monarquia: Sentinela sempre desperta que vela sobre a França: nunquam dormiens excubitor Galliae.*[5]

Daí esse outro nome dado mais tarde ao venerável areopagita, pelo qual nossos reis se declaravam seus vassalos: Meu senhor o Barão são Dionísio.

Daí o uso, ao partir para a guerra, de ir tomar a auriflama em Saint-Denis. Daí, enfim, o grito de guerra de nossos cavalheirescos avós: Montjoie, são Dionísio. Se é verdade que esses fatos gloriosamente tradicionais são de natureza a fazer corar nossos hipercríticos, a conduta deles tem de que fazer-nos tremer. A calúnia é um crime. O filho que dele se torna culpado a respeito de seu pai ou de sua mãe atrai os castigos do Céu sobre a sua cabeça e sobre a de seus cúmplices. Ora, nossos críticos caluniam sua mãe, a grande Igreja das Gálias, acusando-a, diante do mundo inteiro, de atribuir-se santos que não tem e de ter forjado histórias para manter-se em sua posse fraudulenta.

Além disso, chamando, como não se envergonham de fazê-lo, os nossos santos apóstolos de santos imaginários, *sanctos umbratiles*, fazem cessar as homenagens de reconhecimento, de veneração e de confiança que a França lhes deve a tantos títulos. Abolindo o seu culto, privam-na de sua proteção e derrubam o baluarte tão misericordiosamente erguido pela Providência em torno de seu reino privilegiado.

Tanto quanto puderam, baniram da França os mais ilustres personagens do cristianismo primitivo: Lázaro, Marta e Madalena, de Marselha; Trófimo, de Arles; Marcial, de Limoges; Lino, de Besançon; Dionísio, o Areopagita, de Paris, e muitos outros homens apostólicos, dos lugares regados com o seu sangue. Não é o ato mais antipatriótico e mais culpável?

Dessa criminosa expulsão dos protetores da França e da ingratidão nacional que é a sua consequência, que podemos esperar senão um abandono seguido de toda sorte de calamidades? Quando os anjos da guarda do templo de Jerusalém se afastaram, vieram a destruição e a ruína.

Notas

[1] *Felicitatem Gallicani imperii ex sanctorum cultu patriorum ortam et provectam ; quo tepescente imminuta est saepe liliorum gloria.* Du Saussay, *Apparatus ad martyrologium*, c. XXI.

[2] *Hisce plane divinis opibus illecti (quelques reliques de la passion) prae aliis Galli, sacra λείψανα qua vi, qua pretio a detinentibus hac illac extorserunt. Girardus Hallianus ex anti- quioribus refert, eos sanctae illi praedae adeo intentos fuisse, ut nihil praeterea e bello sacro in patrium solum retulerint. Et vero sacris ejusmodi rebus, ecclesiae Gallicanae sunt ditissimae,* Jacques Chifflet, *De linteis sepulcralibus Servatoris*, c. X, p. 59, in-4º, Antuérpia, 1624. — Temos de Pedro Chifflet dois escritos muito interessantes sobre são Dionísio, o Areopagita: *Dissertatio de uno Dionysio, primum Areopagita et episcopo atheniensi, tum deinde Parisiorum apostolo et martyre*, in-12, Paris, 1627, 147 páginas; *De sancti Dionysii aetate*, in-12, Paris, 1629, 62 páginas.

[3] *Vidisti, Lector, secundum illud Job : super quo bases illius regni solidatae sunt, nempe super sanctos. Job. XXXVIII : ut de eo dici jure possit, ps. LXXXVI : Fundamenta ejus in montibus sanctis ; et eidem evangelicum illud aptari, quod steterit hactenus contra diversos impetus procellarum, ventorum et fluminum, quod fundata sit domus ista supra petram. Matth. VII, permansura semper,*

si bene collocata fundamenta persistant, casura tunc certo, si positae bases sanctae (quod Deus avertat) a fundamentis impie revellantur. Barônio, *Anais*, ano 1029, n. 11.

[4] *Carolus Magnus regnum exiturus pro more habuit ab eodem Dionysio facultatem exposcere eique regnum commendare, hac verborum formula : Domine sancte Dionysi, a vobis nunc abeundi facultatem peto, Franciamque vobis relinquo, ut illius secundum Deum curam et tutelam capiatis. Hunc porro morem religiosissime posteros reges per seriem exinde sedulo imitatos testatur Rigordus, De gestis Philippi regis, Guillelm. Brito ; Joan. Villani Hist., lib. XII.* — Ver também em Barônio o *Testamento de são Remígio* e o que anuncia dos destinos da França, ano 514, n. 25.

[5] Sincelo, em Millet, *in Vindiciis*.

Revision #1
Created 22 November 2026 15:19:47 by Admin
Updated 22 November 2026 15:33:55 by Admin